

# A CRIAÇÃO E O SENTIDO DO SOFRIMENTO NO LIVRO DE JÓ

*THE CREATION AND THE MEANING OF SUFFERING IN THE BOOK OF JOB*

*LA CREACIÓN Y EL SIGNIFICADO DEL SUFRIMIENTO EN EL LIBRO DE JOB*

Noeli Tejera Lisbôa<sup>1</sup>  
Adriano Sousa Lima<sup>2</sup>

## Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir os sentidos do sofrimento humano a partir da história de Jó e sua relação com os propósitos de Deus na criação. A discussão deste assunto assume importância para elaboração de uma teologia contrária aos equívocos presentes na Teologia da Retribuição, atualmente manifesta através da Teologia da Prosperidade, com ampla propagação no Brasil. Este trabalho foi concebido a partir de pesquisa bibliográfica qualitativa a respeito dos sentidos bíblicos do sofrimento, dos Livros de Jó e Gênesis. As relações desses elementos com a narrativa bíblica da criação revelam uma nova dimensão para o sentido do sofrimento humano, bem como uma nova visão do pecado que abre perspectivas teológicas elucidativas dos propósitos de Deus estabelecidos desde Gênesis, além de renovar a prática cristã.

**Palavras-chave:** Deus; Criação; sofrimento; transformação.

## Abstract

This paper objective is to discuss the human's suffering meanings from the story of Job and its relation to God's purposes in creation. This subject's discussion is important to elaborate a theology contrary to the misconceptions present in the Theology of Retribution, currently manifested through the Prosperity Theology, which is widely spread in Brazil. This work was conceived from qualitative bibliographical research regarding suffering's biblical meanings, and about the Books of Job and Genesis. These elements' relations with the biblical narrative of creation reveal a new dimension for human's suffering meaning, as well as a new vision of sin that opens theological perspectives to elucidate God's purposes established since Genesis, besides renewing Christian practice.

**Keywords:** God; Creation; suffering; transformation.

## Resumen

El objetivo de este trabajo es discutir los significados del sufrimiento humano a partir de la historia de Job y su relación con los propósitos de Dios en la creación. La discusión sobre ese tema es importante para la elaboración de una teología contraria a los malentendidos presentes en la Teología de la Retribución, actualmente expresada a través de la Teología de la Prosperidad, con amplia difusión en Brasil. Este trabajo ha sido concebido a partir de investigación bibliográfica cualitativa acerca de los significados bíblicos del sufrimiento, en el Libro de Job y el Génesis. Las relaciones de esos elementos con el relato bíblico de la creación revelan una nueva dimensión para el sentido del sufrimiento humano, así como una nueva visión del pecado, que abre perspectivas teológicas que dilucidan los propósitos de Dios establecidos desde el Génesis, además de renovar la práctica cristiana.

**Palabras-clave:** Dios; Creación; sufrimiento; transformación.

## 1 Introdução

*Mas ainda não se manifestou o que haveremos de ser*  
1Jo 3:3

---

<sup>1</sup> Acadêmica Uninter – trabalho de conclusão do Curso Teologia Bíblica Interconfessional. E-mail: noelisboa@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade Batista do Paraná e no Centro Universitário Internacional – Uninter. E-mail: adriano.l@uninter.com.

A pergunta sobre o sentido da vida percorre a história da humanidade desde sempre e está presente numa das histórias mais antigas da Bíblia: o Livro de Jó, diretamente ligada ao sentido do sofrimento e, através deste, ao porquê da existência do mal, concomitante à existência de um Deus onipotente. Considerando-se que, de acordo com a Bíblia, o mal entrou no mundo através da queda de Adão e Eva, sofrimento e mal estão diretamente ligados ao episódio da queda em Gênesis.

Este trabalho busca compreensão sobre a origem e os sentidos bíblicos do sofrimento humano, bem como se há relação entre este sofrimento e os propósitos de um Deus que anuncia, na criação, um Homem a sua imagem e semelhança. A análise se fundamenta em interpretações teológicas contemporâneas baseadas no estudo do hebraico e do grego bíblicos para verificar as possíveis relações entre o sofrimento humano e os propósitos de Deus estabelecidos em Gênesis. Para tanto, aborda-se a história de Jó, considerada modelar a respeito do sofrimento e da busca humana de uma resposta de Deus para sua existência.

A leitura das interpretações teológicas a respeito da origem do mal e do pecado a partir de Gênesis e o estabelecimento de sua relação com a história do sofrimento humano, na experiência de Jó, foram, portanto, norteadores. Para as diferentes interpretações do livro de Jó deste artigo, recorre-se a biblistas e exegetas conceituados, na tentativa de entender os sentidos do sofrimento que se podem encontrar a respeito da relação do Homem com Deus.

Desenvolvido em etapas, o trabalho trata inicialmente da narrativa da Criação em Gênesis até a queda. A seguir, aborda a história de Jó e seu empenho para compreender os sentidos de seu sofrimento, ao ponto de questionar diretamente o próprio Deus. A partir de Jó, relaciona-se Criação, queda, pecado, sofrimento e os propósitos de Deus estabelecidos até o sétimo dia.

De caráter teórico e qualitativo, a pesquisa foi desenvolvida com base em teólogos contemporâneos amplamente reconhecidos e habilitados para uma hermenêutica bíblica a partir do conhecimento do hebraico e do grego bíblicos, considerando os avanços da ciência no que diz respeito à criação do Universo.

Ao questionar o sentido do sofrimento diante da presença de um Deus onipotente e sua relação com os propósitos Dele ao criar o Homem a sua imagem e semelhança, este trabalho buscou caminhos teológicos que aproximem o ser humano de Deus. Ao fim, analisa-se como a leitura de interpretações teológicas contemporâneas enriquece à Teologia e possibilita tal aproximação.

## **2 A criação**

As traduções contemporâneas da Bíblia, diretamente do hebraico e do grego, propiciam novos entendimentos a respeito do texto sagrado. De maneira geral, há um entendimento entre os estudiosos de que a narrativa bíblica da criação não tem nenhuma preocupação em estabelecer uma exposição científica dos fatos, mas é atravessada pela compreensão que os homens da época tinham do mundo e do Universo. Há também o entendimento de que, em muitos casos, uma leitura equivocada da Escritura dera margem a constantes erros de interpretação. A teologia atual dissocia a narrativa da criação de uma narração cronológica de fatos que exporiam como o mundo se fez.

A tradição exegética identifica, na Escritura Sagrada, duas narrativas bíblicas da criação, a sacerdotal (Gn 1,1-2) e a javista (Gn 2,4-24), esta mais antiga e assim chamada por se referir a Deus pelo nome *Yahweh*. Embora estas narrativas tenham sido encaradas por muitos anos como cronologia dos fatos, sua releitura, na contemporaneidade, a partir dos estudos do hebraico bíblico, apresenta novas interpretações dos primeiros capítulos de Gênesis.

Em *O Mundo Perdido de Adão e Eva*, Walton (2016) apresenta 21 proposições em que analisa, à luz do estudo da língua hebraica e do pensamento e costumes da época, a criação tal como contada em Gênesis. No mundo Antigo, explica ele, não havia categorias para o que chamamos de leis naturais, então as causas apontadas para os acontecimentos naturais eram sempre divinas. O trabalho de Walton desloca o foco do estudo bíblico para a mensagem de Deus e coloca, de certo modo, um ponto final na obsessiva preocupação, em certos meios cristãos, de insistir em relatos que contrariam descobertas científicas.

A partir da análise dos sentidos do verbo *bara'*, palavra hebraica para “criar”, Walton (2016) adverte que, no mundo antigo, criar significava ordenar o caos e existir, fazer parte desse mundo ordenado. Segundo Walton (2016, p. 28): “A ausência de ordem descreve a não existência; quando se *bara'* algo, isso é trazido à existência, conferindo-lhe um papel e uma função em um sistema ordenado”.

Baseado nessa compreensão, Walton lê a narrativa bíblica da criação como a criação de um espaço sagrado na Terra, onde Deus habitaria com o Homem. Não se trata, portanto, da criação material do cosmo, mas da ordenação do cosmo como um espaço sagrado. Nessa narrativa, o dia sete assume especial importância por significar a conclusão da obra de Deus, ainda em desenvolvimento nos nossos dias, e encerrada no sétimo dia, no descanso de Deus, biblicamente, no estabelecimento do Reino de Deus sobre a Terra. Os seis dias antecedentes existem em função do sétimo, ocasião do cumprimento do propósito divino:

Defendo que mesmo que a humanidade seja o clímax dos seis dias, o dia sete é o clímax do relato sobre as origens. De fato, esse é o propósito dessa narrativa, e os outros seis dias não alcançam seu pleno significado sem ele. O descanso é o objetivo da criação (WALTON, 2016, p. 43).

Nessa visão, portanto, Gênesis nos conta sobre o propósito de Deus a respeito do Homem em toda a história humana, inclusive do seu futuro. Isto parte da compreensão de que Deus habita na eternidade, ou seja, fora do tempo.

No Antigo Testamento, assim como os profetas englobam passado, presente e futuro em seus pronunciamentos, a narrativa da criação também aponta até o fim da criação de Deus. A visão de Walton provoca um deslocamento interessante na compreensão de Gênesis pela movimentação dos papéis de Adão e Eva como arquétipos e como seres históricos. Com relação ao surgimento da humanidade, eles seriam arquétipos, mas não necessariamente os primeiros seres a habitar a Terra, interpretação possível a partir dos significados dos seus nomes em hebraico: *Adam* significa “ser humano”, enquanto *Hawwah* significa “aquela que dá vida”. Além disto, segundo o texto bíblico, Adão e Eva tiveram apenas filhos homens, que presumivelmente se casariam com mulheres que já existiam.

O teólogo Blank (2013), também numa leitura atualizada do Gênesis a partir do texto hebraico, diz que ambos os textos de Gênesis, o sacerdotal e o javista, tratam, na verdade, de Deus como fundamento primordial de todas as coisas, não do início temporal da criação. Deus habita o eterno, ou seja, o não tempo. Isto, destaca Blank (2013), confirma Isaías (43,13): “Ainda antes que houvesse dia, eu sou”.

Igualmente, diz ele, não faz sentido considerar Adão e Eva os primeiros habitantes do planeta:

Precisamos enfatizar explicitamente, contra todos os argumentos apresentados nos últimos anos principalmente do lado fundamentalista, que a palavra *adam* que ocorre no texto não deve ser absolutamente entendida como o nome próprio de uma pessoa individual. A palavra hebraica *adam* é um nome de espécie, e no texto, ele tem o significado de um ‘termo de espécie que abrange os dois sexos’ (BLANK, 2013, p. 265).

Embora tais leituras pareçam muito atuais, nos primeiros séculos depois de Cristo, Agostinho (2015) apresentara uma questão fundamental relativa à compreensão não apenas da narrativa da criação, mas de toda Escritura: a de que Deus vive na eternidade, logo, no não tempo, e sua palavra é sempre atravessada pela visão do homem, ser temporal.

Homem, o que a minha Escritura diz, Eu o digo. Mas ela o diz no tempo, e este não atinge o meu Verbo que subsiste comigo numa eternidade igual à minha. Assim, o que vedes pelo meu espírito, sou Eu que o digo. Mas assim como vós *contemplais* estas

coisas no tempo, Eu não as *contemplo* no tempo, assim quando vós as *dizeis* no tempo, Eu não as *digo* no tempo” (AGOSTINHO, 2015, p. 393).

É fundamental observar essa polifonia presente em toda a Escritura para compreender a mensagem de Deus e sua intermediação através da cultura daquele que a transmite. Partindo desta visão, fica claro que, embora Deus seja fundamento primordial de tudo, Gênesis não está nos falando do início da criação, mas da ordenação de um mundo não ordenado. Em vista disso, essa ordenação foi um processo, interrompido com a entrada da serpente em cena.

Esse progresso em direção à ordem, no entanto, retrocedeu com a entrada da desordem. A serpente, a criatura do caos, era parte de um mundo não ordenado. Sua interferência lançou a desordem quando as pessoas decidiram que elas mesmas queriam se tornar a fonte e o centro da sabedoria e da ordem (WALTON, 2016, p. 142).

Deus estava preparando o cosmos como um espaço sagrado, onde o ser humano habitaria com Ele, mas esse processo foi interrompido quando o Homem decidiu seguir seus próprios caminhos. A obra de Deus, portanto, continua em andamento na Terra. A narrativa bíblica não trata exatamente do paraíso perdido. De acordo com Walton (2016, p. 47), “é a história do espaço sagrado estabelecido, espaço sagrado perdido e do espaço sagrado a ser reestabelecido”.

No que diz respeito ao episódio de Gênesis, conhecido como a queda, quando Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden, Walton (2016) considera, sim, ser possível a existência de um Adão histórico por meio do qual a desordem entrou no espaço sagrado que Deus ordenava. Diz Walton (2016, p. 95): “Em outras palavras, a questão do Adão histórico tem mais a ver com as origens do pecado do que com as origens materiais da humanidade.”.

Por ambicionarem ser como Deus e interromperem o processo que os levaria à sabedoria divina, Adão e Eva (seja como personagens históricos ou arquétipos) optam por agir separadamente de Deus. Isto não os tornou sábios, mas promoveu a desordem, estendida a todo o cosmos e a toda a vida na Terra:

Concluindo, Gênesis 3 fala mais sobre a invasão da desordem (trazida pelo pecado) em um mundo que está sendo ordenado, do que sobre o primeiro pecado. É sobre como a humanidade perdeu o acesso à presença de Deus quando seus representantes tragicamente declararam sua independência de seu Criador. Ele é mais orientado literal e teologicamente a como uma humanidade corporativa é, portanto, distanciada de Deus — alienação — do que ao estado pecaminoso de cada ser humano (sem a intenção de diminuir o último fato). (WALTON, 2016, p. 139).

Até hoje o homem tenta ordenar o mundo através de suas próprias ideias, sempre em busca de teorias que o auxiliem nisso, sem resultado ou consciência de seu distanciamento do

Criador. Vivemos num mundo em desordem em decorrência da entrada do pecado. Adão e Eva se relacionavam com Deus, mas não eram ainda imagem e semelhança do Criador. Estavam nus, ou seja, despidos da graça, mas não tiveram consciência disto até o conhecimento do bem e do mal, adquirido antes de alcançarem a sabedoria divina. Aí entrou o pecado.

## 2.1 O pecado

A concepção popular de pecado está sempre ligada a algo errado, no sentido de uma falta cometida por alguém. Popularmente, aceita-se também a noção de que tal falta tem um efeito bumerangue sobre esse alguém. Ou seja, entre ateus e não ateus há, de certo modo, crença em alguma espécie de justiça, divina ou não, que faz a prática do mal retornar como consequência negativa para quem o perpetrou.

Por conta desse pensamento — disseminado na civilização ocidental, muito possivelmente devido a nossa tradição judaico-cristã e à difusão de uma leitura distorcida da Bíblia —, ocorre praticamente uma inversão do raciocínio. Se a prática do mal traz consequências ruins sobre a vida de alguém, logo, toda pessoa acometida por um infortúnio provavelmente merece o sofrimento experimentado, resultante de um comportamento torpe de sua parte.

Essa crença está tão entronizada na cultura ocidental que Sontag (2007) escreveu um livro exatamente para combater o preconceito que culpabiliza, de maneira especial, doentes de câncer ou de AIDS como responsáveis pelo desencadeamento de sua própria doença.

Numa outra direção, contudo, pecado é encarado como separação de Deus. Segundo o apóstolo Paulo (Rm 14, 23): “Tudo que não provém da fé é pecado”. Neste sentido, a separação de Deus é a causa dos erros cometidos pelo Homem. Este, portanto, primeiramente precisaria restabelecer essa relação, perdida na queda de Adão e Eva, e os caminhos humanos se retificariam em decorrência da unidade com o Criador.

Essa interpretação bíblica encontra ressonância nos estudos de Walton (2016) que apontam para o fato de a existência de um Adão histórico estar mais relacionada às origens do pecado que à origem do ser humano sobre a Terra. O estabelecimento da desordem, por intermédio do pecado, determinara uma natureza humana dissociada de Deus e o desequilíbrio em toda a Terra, até o momento atual de profunda crise, decorrente de um sistema estabelecido no mundo sem a submissão à sabedoria divina. Walton diz (2016, p. 143) “Que o pecado é

manifesto de forma mais básica na ideia de que pensamos que poderíamos fazer as coisas melhores que Deus – uma ilusão que ainda aflige a todos nós”.

Depreende-se disso que, apesar das muitas conceituações para o pecado —culpa, punição, “errar o alvo”, etc. —, Walton chama atenção para o fato de significar, sobretudo, alienação de Deus, da qual decorrem outros desequilíbrios da relação do Homem com seus semelhantes e com a própria criação.

O pecado, portanto, é disruptivo para o relacionamento com Deus, que é o desejo mais profundo dos humanos. Relacionamento foi a intenção de Deus na criação dos seres humanos. Ele foi perdido em Genesis 3, e o restante da Escritura documenta os estágios para restabelecê-lo (WALTON, 2016, p. 134).

Walton provoca um deslocamento da noção de pecado resultante do foco na desobediência. A noção de pecado esteve centrada no erro de cada um, como se uns homens pecassem e outros não. Esses erros, biblicamente, provêm do chamado *pecado original*, ou seja, da separação do homem de Deus. Então, o que importa é restabelecer essa comunhão, de forma que Deus conclua sua obra para que o Homem seja efetivamente sua imagem e semelhança.

A falsa ideia humana de que tudo que ocorre no mundo é obra divina é um profundo equívoco, do ponto de vista bíblico, pois, como se lê em Jó (5,19): “o mundo jaz no maligno”. Ou seja, desde que o Homem decidiu prescindir de Deus para governar o mundo por Ele criado, tal mundo está sujeito à maldade porque o homem, que comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, não era ainda o Homem à imagem e semelhança de Deus, a saber, pleno da sabedoria divina. A aquisição da sabedoria, como destaca Walton (2016), é um processo normalmente desenvolvido por intermédio de alguém mais sábio.

Nesse sentido, é efetivamente esclarecedora a interpretação de Blank (2013), segundo o qual o sétimo dia é a visão de Deus sobre o que ocorrerá no fim dos tempos, isto é, na conclusão de um processo que, na eternidade, existe simultaneamente no passado, no presente e no futuro.

A compreensão da noção de pecado como alienação de Deus é fundamental para entender a análise do Livro de Jó a seguir, e, conseqüentemente, para o entendimento dos sentidos do sofrimento na Escritura Sagrada.

## 2.2 A história de Jó

Uma das histórias mais emblemáticas da Bíblia a respeito do pecado é a de Jó. Embora relacionada sempre ao sofrimento humano ou, erroneamente, entendida como símbolo de

paciência diante das provações, o Livro de Jó trata efetivamente do relacionamento do Homem com Deus.

Alguns consideram a história de Jó uma das histórias mais antigas da Bíblia, por aparecer, em versões um pouco diversas, na tradição suméria e na arcádica, além de ser citada no livro de Ezequiel, publicado mais de 400 anos antes de ser escrita.

Conta a tradição que Jó era um dos homens mais importantes do seu tempo. Rico, temente a Deus, contado entre os sábios, pois muitos o procuravam para receber conselhos. Deus tinha Jó por reto e íntegro, mas satanás resolve provocá-lo, colocar em dúvida a retidão de Jó ao suspeitar de sua fidelidade a Deus como consequência apenas do fato de ser abençoado por Ele das mais diversas formas. Deus, então, permite que satanás atente contra Jó, desde que lhe preserve a vida. A partir disto, Jó é provado, sem saber o motivo, por duas vezes. Na primeira, perde seus bens, em seguida seu gado e seus servos. Por fim, seus filhos. Mesmo assim, permanece fiel a Deus, declarando a frase, sempre citada como exemplo máximo de paciência diante da adversidade (Jó 1, 20) “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei. O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!”.

Na segunda provação, Jó é ferido dos pés à cabeça, possivelmente de lepra, e acaba isolado fora da cidade, como era costume aos leprosos no seu tempo. Três amigos, Elifaz, Zofar e Bildade, resolvem visitá-lo. Devido à dimensão da sua dor, permanecem em silêncio junto dele durante sete dias e sete noites. Depois de sete dias, Jó amaldiçoa o dia do seu nascimento.

Inicia-se uma série de diálogos entre Jó e seus amigos. Por caminhos diferentes e argumentos diversos, os três amigos, contudo, tem algo em comum: todos buscam imputar-lhe culpa. Jó provavelmente cometera algum pecado para merecer o que estava passando. Aparece depois um quarto amigo, Eliú que não acrescenta grande diferença à discussão. Atribulado, confuso, sem compreender a justiça divina, mas temente a Deus, Jó oscila em suas emoções, seus pensamentos e seu discurso. Primeiramente, debate com os amigos, alega inocência, o que não aceitam. Num segundo momento, questiona à justiça de Deus, mas, sem se dirigir diretamente a Deus, tenta entender seus motivos: “Por que me esmaga com uma tempestade e sem motivo multiplica as minhas feridas. Não me permite respirar, porque me enche de amargura. Se é uma questão de força, ele é o forte” (Jó 9, 17-19).

Certo de que é Deus quem promove seu sofrimento (“Ele fez de mim o seu alvo” — Jó 16, 12), Jó questiona a Justiça divina. À medida que o sofrimento segue, contudo, Jó já não quer ouvir os amigos e se dirige diretamente a Deus, perguntando-lhe inclusive por que permitiu seu nascimento. Quanto mais Jó questiona a Deus e protesta inocência, mais duro se torna o discurso de seus amigos que desejam que reconheça seus erros.



Jó, por sua vez, chega a desejar que Deus se afaste dele, e o esqueça, até que passe sua ira (de Deus). Por fim, cansado dos amigos que não lhe dão uma resposta satisfatória para suas indagações, ele deseja falar com Deus diretamente (Jó 23, 2-3): “Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado apesar de minha mão reprimir o meu gemido. Quem dera eu soubesse onde encontrá-lo”.

De algum modo, mesmo revoltado e se sentindo insultado pelos amigos, Jó confia em Deus. Oscilando entre a dúvida, a incompreensão dos desígnios de Deus e a fé, Jó derrama sua alma diante de Deus: “Clamo a ti, ó Deus e não me respondes; estou em pé, mas apenas olhas para mim. Tu foste cruel comigo e, com a força da tua mão, me atacas” (Jó 30,20-21).

Reafirmando sua integridade diante de Deus, os sofrimentos de Jó lembram aos de Cristo: “Homens abrem a sua boca contra mim, com desprezo me esbofeteiam; todos se ajuntam contra mim. Deus me entrega aos ímpios e me faz cair nas mãos dos perversos” (Jó 16,10-11).

Certo de sua retidão, Jó acredita que terá defesa, que surge como um prenúncio do próprio Cristo: “Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele em minha carne verei a Deus” (Jó 1, 25-27).

Deus, então, fala com Jó do meio de um redemoinho, o que lembra outras manifestações bíblicas de Deus: do meio da sarça ardente, com Moisés (Ex 3:4); através da brisa, com Elias (1Re 19,12-13), com Jacó, que luta com Deus e diz (Gn 32,30): “Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva”, entre outros. Ao falar, Deus não responde às perguntas de Jó, mas lhe faz perguntas sobre a criação: sobre os fundamentos da Terra, sobre os limites do mar, sobre toda a natureza, enfim. Ou seja, Deus se revela a Jó, que diante Dele se julga indigno e prefere calar-se. Deus continua com suas perguntas. Ao fim, Jó diz o seguinte: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42,5-6).

Storniolo (2018) e Rossi (2021) veem na história de Jó uma crítica à Teologia da Retribuição, expressa modernamente, segundo eles, através da Teologia da Prosperidade. Baseadas na aliança de Deus com seu povo, tais Teologias têm uma leitura essencialmente mercantil desse acordo, na qual aquele que tem fé e segue os mandamentos de Deus é agraciado com saúde, bem-aventuranças e prosperidade material. Nessa visão, as injustiças sociais, ou seja, a existência de miséria, fome, escravidão, etc., não são vistas como consequência de sociedades pautadas pela desigualdade, mas como um castigo de Deus a homens pecadores. Quando atingido por sofrimento físico, psíquico ou material, o homem é culpado.

Storniolo (2018) diz que Jó representa os  $\frac{3}{4}$  da humanidade que vive em condições de exploração. Jó representa o clamor do pobre, diz ele. E critica o uso da religião como opressão.

Rossi (2021), a partir de uma análise da situação do povo judeu após o exílio, época em que se calcula que o livro de Jó foi escrito, considera a narrativa uma atualização do justo sofredor a partir da situação de vida dos camponeses hebreus que perderam suas terras.

Ambos — Storniolo (2018) e Rossi (2021) — abordam aspectos muito interessantes sobre a utilização autoritária da religião e a importância do dizer teológico, visto que, em vez de libertar, poderia servir à opressão. Segundo esses autores, é a essa teologia opressiva que o Livro de Jó se opõe.

Uma reflexão a este respeito também lemos em Blank:

A manipulação do mundo cristão, por sua vez, mostra suficientemente, no curso dos séculos seguintes até hoje, como a fé e a religião podem ser manipuladas também nesse âmbito por grupos de interesses. Aqui não podemos deixar de notar que também as imagens de Deus que foram ratificadas pela Igreja podem se tornar, em sua aplicação concreta, imagens ideológicas de Deus. Também uma política eclesiástica de poder pode levar à ênfase numa imagem de Deus que serve ao poder. Dessa forma, a possibilidade da instrumentalização de Deus ou da proclamação tendenciosa de Deus por interesses conscientes ou inconscientes permanece até hoje um dos grandes problemas do discurso sobre Deus. Ao mesmo tempo, saber dessa possibilidade e desvendar tal instrumentalização tornam-se grandes tarefas de uma teologia que inclua a crítica à ideologia (BLANK, 2013, p. 49).

Com efeito, a história humana está plena de eventos em que Deus e a religião foram utilizados como instrumentos autoritários em guerras, tiranias e até torturas. Exemplos disso são as Cruzadas, a Inquisição, as ditaduras latino-americanas nos anos 60 e 70 e, mais recentemente, o Governo atual do Brasil. Praticamente todos os movimentos de extrema-direita se caracterizam por usurpar o nome de Deus e distorcer a Escritura Sagrada para interesses humanos de opressão. Como observa Blank (2013, p. 38): “O discurso sobre Deus corre sempre o risco de apresentar um Deus domesticado, criado para satisfazer os próprios desejos”.

Tal domesticação — proposta tanto na Teologia da Retribuição quanto na Teologia da Prosperidade —, Storniolo (2018) e Rossi (2021) acreditam oposta ao Livro de Jó. De fato, Jó é contrário a uma tradição teológica que enxerga em todo sofrimento alguma culpa humana. Mas, embora a leitura do livro de Jó como um grito do pobre seja possível, é reducionista, à medida que seu protagonista expõe, na verdade, o sofrimento humano inerente a toda vida humana, que atinge todos os homens indistintamente. O infortúnio efetivamente não escolhe classe social e Jó, conforme narra a história, era um homem bastante rico que perde seus bens.

Elaborada num trabalho conjunto entre rabinos, sacerdotes católicos e protestantes, a Bíblia de Tradução Ecumênica (BÍBLIA, 1995) aponta três objetivos do escritor do Livro de Jó: o primeiro deles é libertar o poder de Deus da noção humana de justiça. Jó, dizem os analistas da TEB, estava também de outro modo preso à tradição teológica dos seus amigos.

Jó insistia nos direitos que o homem adquire por sua conduta moral [...]. Querer encontrar um vínculo entre a perfeição moral do homem e sua felicidade é conceber a Deus como um homem de negócios tratando com seus clientes (BÍBLIA, 1995, p. 1169).

A segunda intenção do autor do Livro de Jó, conforme os estudiosos da TEB, é uma nova abordagem sobre a fé:

O pragmatismo humano não tem lugar na ordem da criação, onde a chuva cai até sobre terras inabitadas. Ter fé é crer em um Deus livre, que se inclina, apesar das aparências contrárias, sobre a fraqueza, o pecado ou o orgulho da menor de suas criaturas (BÍBLIA, 1995, p. 1170).

Por fim, como terceira intenção, de acordo com os exegetas da TEB (BÍBLIA, 1995): “o Livro de Jó esboça sutilmente um novo caminho para a compreensão da antiga noção de pecado”. Exposto à santidade divina, Jó não discute mais porque tem uma experiência com o próprio Deus. Não cometeu efetivamente os pecados que seus amigos lhe imputavam, mas percebe o pecado como uma separação inevitável da natureza humana confrontada com a natureza de Deus.

Mesters (2021), para quem o Livro de Jó trata do sofrimento do justo, observa na obra a tradição secular derrubada pela experiência humana (MESTERS, 2021, p. 112): “A luta de Jó é desfazer os argumentos da tradição, baseando-se no testemunho da sua consciência”. O diálogo de Jó, acrescenta ele, representa o diálogo interior do homem submetido à dor e ao sofrimento. Neste sentido, a partir de sua experiência de vida, Jó busca uma nova compreensão de Deus, pois a que ele tinha já não bastava para explicar as aflições por que estava passando. Segundo Mesters (ibidem): “Na discussão que se segue, Jó representa a *consciência* nova que nasce, os amigos representam a *tradição* que quer defender os valores recebidos dos antepassados.”.

A história de Jó é um libelo contra todas as igrejas cristãs que pregam que a palavra do pastor, do presbítero ou do padre é a Palavra de Deus e deve ser acatada sem questionamentos. Biblicamente, todos os homens de Deus questionam a Deus, exatamente porque querem compreender seus pensamentos, sua justiça e seus desígnios. Jó questiona a Deus e é por Ele ouvido e transformado em contato com sua santidade. O sofrimento humano assume aí uma nova dimensão.

### 2.3 Jó: por que sofremos

O Papa João Paulo II (JOÃO PAULO II, 2020) diz que, ao indagar-se sobre a existência do mal no mundo, o homem não costuma dirigir esta pergunta ao mundo (embora venham deste, de maneira geral, os sofrimentos), mas a Deus. A pergunta sobre os motivos do sofrimento, diz ainda o Papa (JOÃO PAULO II, 2020, p. 19), encontra sua maior expressão na história de Jó.

Na opinião manifestada pelos amigos de Jó exprime-se a convicção que também se encontra na consciência moral da humanidade: a ordem moral objetiva exige uma pena para a transgressão, para o pecado e para o crime. Sob este ponto de vista, o sofrimento aparece como um “mal justificado”. A convicção daqueles que explicam o sofrimento como castigo pelo pecado apoia-se na ordem da justiça, e isso corresponde à opinião expressa por um dos amigos de Jó: “Pelo que vi, aqueles que cultivam a iniquidade e os que semeiam a maldade também as colhem.”.

Jó, contudo, é inocente e, a partir de sua vivência, necessita de outra resposta para sua dor, em vez da que lhe oferece a tradição. Impedido de encontrar essa resposta entre os homens, dirige-se diretamente a Deus. Isto se torna particularmente interessante porque nos diz que, embora efetivamente possa haver consequências funestas para atos de maldade, somente quem pode saber os motivos pelos quais está sofrendo é o próprio homem que sofre: se está recebendo retorno por seus atos, ou sendo provado por Deus.

Segundo o Papa João Paulo II:

Jó, no entanto, contesta a verdade do princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e faz isso baseando-se na própria situação pessoal. [...] O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência (PAPA JOÃO PAULO II, 2020, p. 19).

O Papa João Paulo II considera, porém, que a história de Jó não anula o acordo firmado na Aliança, tanto na antiga como na nova. A narrativa de Jó estabelece que esses não são princípios aplicáveis de maneira geral, ou seja, apesar da possibilidade da relação do sofrimento com o pecado e a culpa, tal verdade não se aplica a todo sofrimento. Para o Papa (JOÃO PAULO II, 2020), Jó representa uma nova dimensão do sofrimento, a da redenção. Jó prenuncia a paixão de Cristo, diz ele.

Há uma justiça de Deus ligada não apenas ao fazer do próprio homem, mas ao seu olhar para o próximo. Essa justiça está expressa nas falas de Cristo: “Não julgueis para que não sejais julgados”<sup>3</sup>, “Bem-aventurados os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia”<sup>4</sup> e “Misericórdia quero e não sacrifício”<sup>5</sup>. Tal justiça está vinculada ao amor de Deus por todos os

---

<sup>3</sup> Mt 7:1.

<sup>4</sup> Mt 5:7.

<sup>5</sup> Mt 12:7.

homens, porque Deus, como diz a Escritura, não faz acepção de pessoa, e encontra sua expressão maior na paixão de Cristo, manifestação plena do amor de Deus, que não se ressentido do mal.

Portanto, sofremos por motivos diversos. Um é o sofrimento advindo da injustiça promovida por um sistema humano, onde prevalece a ganância, a cobiça, a soberba, a impiedade. Outro é o sofrimento vivido por aqueles que buscam a Deus e são provados por seu amor. Difícil para o homem, por vezes, entender esta relação entre amor e sofrimento.

Segundo Lewis:

O problema de reconciliar o sofrimento humano com a existência de um Deus que ama só permanecerá insolúvel se atribuirmos um sentido corriqueiro à palavra “amor” e encarmos as coisas como se o homem fosse o centro delas. O homem não é o centro (LEWIS, 2020, p. 57).

O sofrimento encontra aí seu sentido maior de manifestação do amor de Deus, cujo princípio é uma humanidade a Sua imagem e semelhança, com a qual Ele possa habitar. Esta transformação, contudo, sem necessidade de explicação, devido à história brutal de violência e destruição da qual a humanidade se mostrou capaz, só é possível através do sofrimento:

Mas Deus deseja nosso bem, e este equivale a amá-lo (com o amor de gratidão apropriado às criaturas). E para amá-lo devemos conhecê-lo. E, se O conhecermos, fracassaremos lamentavelmente. Caso contrário, isso só mostra que o que estamos tentando amar ainda não é a Deus, embora possa constituir a máxima aproximação de Deus de que são capazes nosso pensamento e nossa fantasia. No entanto, o chamado não é só à prostração e ao temor: é também a um reflexo da vida Divina, uma participação, na condição de criatura, nos atributos Divinos – participação que está muito além de nossos desejos presentes. Somos conclamados a nos “revestir” de Cristo, a nos tornarmos semelhantes a Deus (LEWIS, 2020, p. 64).

A compreensão dessa transformação e da obediência à Lei de Deus se expressam em uma explanação muito esclarecedora de Scott (2020, p. 120), segundo a qual a relação de Deus com a Lei é de identidade, não de sujeição: “Em Deus, a Lei é viva; ele reina no seu trono, usando o seu cetro, é coroado com a sua glória. Pois a Lei é a expressão do seu próprio ser moral, e o seu ser moral é sempre auto coerente”.

Quando Cristo diz (Mt 5,17) “Eu não vim para abolir a Lei, mas para cumpri-la”, significa que a Lei se cumpre Nele, na sua natureza, pois, como explica o apóstolo Paulo, a lei é espiritual e nós somos carnis. Portanto, a lei se cumpre em Cristo, por haver relação de identidade entre a lei e a natureza divina. O ser humano é incapaz de cumprir a lei se não for transformado na natureza de Cristo, de modo que automaticamente tenha relação de identidade também com a lei.

Essa é a profunda ligação entre o amor de Deus e o sofrimento humano. Que possamos adquirir Sua natureza para que Ele habite entre/em nós.

#### 2.4 O sétimo dia: no lar

Como visto no início deste trabalho, a criação não é um evento pontual em que Deus gerou todas as coisas, mas um processo testemunhado pelo próprio Deus a partir da eternidade, em sua completude. Entretanto, o Homem o interrompeu quando se sentiu capaz de ser como Deus. O resultado do processo, porém, está anunciado em Gênesis, quando Deus vê “que tudo era muito bom”. Assim, a criação, nas palavras de Blank:

[...] é apresentada como a obra de um Deus que, com as palavras de Paulo “faz os mortos viverem e chama o não existente para a existência”. (Rm 4,17). Em paralelo a uma esperança de ressurreição do ser humano, fundamentada na ressurreição de Jesus, a meta final desse processo pode ser entendida como a plenificação e superação radicais de todas aquelas características negativas que atualmente ainda marcam a criação (BLANK, 2013, p. 269).

Cristo é, então, o novo Adão. O segundo Adão que, nas palavras de Paulo, “é espírito vivificante”, enquanto o primeiro “é alma vivente”. De acordo com a Escritura Sagrada, em Jesus se estabelecem as primícias desse novo Adão, o primeiro de muitos irmãos. É na fé em Jesus Cristo e na sua ressurreição que somos recebidos como filhos e transformados na natureza divina. Portanto, o sofrimento é necessário para adquirirmos a natureza de Cristo e manifestarmos o amor que não se ressentido do mal, de modo a exercer compaixão para com a humanidade, única forma de libertá-la dos poderes do mal. Sobre a salvação, Walton (2016) nos lembra que mais importante *do que é para que* fomos salvos: ter acesso à presença de Deus.

A salvação é certamente uma trajetória importante, mas isto pode ser entendido como o que Deus fez para outorgar nosso acesso à sua presença. O relacionamento em sua presença é o objetivo; a salvação é o instrumento por meio do qual isto é alcançado (WALTON, 2016, nota 10, p. 221).

Blank, por sua vez, chama atenção ao grande enfoque dado à salvação no meio cristão.

A mensagem não é sobre eu e a minha salvação. “Deveria ser sobre Deus e o seu reino. É isso que Jesus anunciou, também deveríamos fazê-lo. A boa nova plena é que em Jesus, por meio de sua morte e ressurreição, Deus se tornou rei do mundo.” (BLANK, 2013 p. 171).

A promessa bíblica é de um descanso para o povo de Deus, considerado exatamente o sétimo dia. Ou seja, quando Deus concluir sua obra. Esta aliança de Deus com o ser humano após o povo de Deus, conforme conta o Antigo Testamento, fracassar no cumprimento da lei, foi estabelecida através da paixão de Cristo, significando também que, crucificados em Cristo, ficamos aptos a receber a natureza

divina. Esse processo, evidentemente, não é sem sofrimento por implicar transformação da natureza, mas é o que nos levará a uma comunhão com Deus. Como diz Walton (2016, p. 142): “Essa não é uma restauração do Éden ou um retorno à condição pré-queda. A nova criação é caracterizada por um nível de ordem que nunca existiu antes. [...] Toda ordem não será resolvida até a nova criação”.

A Escritura nos ensina que ainda há um descanso para o povo de Deus. Este descanso, propósito último de Deus como habitação no Homem, será estabelecido por Cristo com aqueles que, mortos em sua natureza humana, santificaram-se por amor à humanidade. Tal é o sentido maior do sofrimento humano, receber a natureza divina para estabelecer o Reino de Deus na Terra.

### **3 Metodologia**

O trabalho tem caráter teórico e se desenvolveu a partir de pesquisa de bibliografia selecionada qualitativamente entre teólogos conceituados, pesquisadores reconhecidos em relação aos temas da Criação de Deus, do sofrimento humano e sobre a história de Jó. Também foram consultadas três diferentes traduções da Bíblia relativas ao Livro de Gênesis e à história de Jó. Por fim, estabeleceram-se as relações entre a narrativa da criação, o Homem como ser criado à imagem e semelhança de Deus, sua queda e o sofrimento humano em uma perspectiva teológica contemporânea, baseada no conhecimento do hebraico e do grego bíblicos.

### **4 Considerações finais**

Considerada por muitos uma história a respeito da paciência, ou mesmo a respeito do sofrimento do justo, a história de Jó é mais que isso. É a história de um homem justo que busca a Deus para entender o sentido do sofrimento que o acomete. Nessa busca, ele O confronta e questiona até ter um encontro com Deus, que o transforma. Jó sai da posição de quem conhece a Deus por ouvir falar para a de quem vê a Deus. Ele contempla a Deus e percebe sua distância do Criador.

O significado profundo da história de Jó é que estamos distantes do propósito de Deus para nossas vidas, estabelecido em Gênesis, de sermos Sua imagem e semelhança. A única forma que Ele possui para nos levar a esse propósito é através do sofrimento, que implica mudança radical de natureza, da humana à divina. A história de Jó, portanto, não trata exatamente de um Deus ao lado dos pobres, conforme interpretada por alguns teólogos, embora Deus esteja sempre ao lado dos que sofrem, mas trata da transformação que Ele quer e necessita operar no ser humano para habitar com ele e nele.

Nesse sentido, há estreita ligação entre o propósito de Deus ao criar o Homem a sua imagem e semelhança, o pecado, entendido como alienação de Deus, o sofrimento e a

experiência de Jó. Fundamento primordial de toda criação, independentemente de cronologias apuradas pela ciência, Deus iniciou uma obra, narrada em Gênesis, interrompida pelo Homem que, no afã de ser igual a Ele, acabou por ser seu próprio deus. Esta interrupção, que promoveu a entrada do pecado e da morte no mundo, redundou no desequilíbrio não só da vida humana, mas de todo o planeta. Deus, contudo, continua sua obra, cujo término foi anunciado pela vinda de Cristo. Cristo não é apenas salvador, redentor e ressurreto, mas anuncia o novo Homem, criado à imagem e semelhança de Deus, como narra Gênesis, ou seja, espírito vivificante, o primeiro entre muitos irmãos, conforme a Escritura. O sofrimento humano assume aí o caráter de uma passagem inevitável na transformação da natureza humana em divina, quando então é superada a alienação do Homem do seu Criador, promovida no episódio da queda.

Contrariamente a visão de que Gênesis trata de uma obra encerrada no sétimo dia como fato já ocorrido, as visões contemporâneas falam de uma obra em desenvolvimento que se encerrará no sétimo dia ainda por vir, sentido maior de toda a criação. Vista por Deus a partir da eternidade, isto é, no não tempo, tal obra está desde sempre concluída e é toda muito boa. Porém, no tempo humano, a obra iniciada foi interrompida pelo próprio Homem e, mais adiante, retomada por Deus.

A história de Jó ilumina o propósito divino através do sofrimento humano que Deus não provoca, mas permite, para que o homem se aproxime Dele. Logo, o sentido do sofrimento bíblico se estende além da punição ou correção, embora seja por vezes isto como, essencialmente, a única forma através da qual Deus pode transformar nossa limitada natureza humana na sua natureza santa. Isto posto, o sofrimento é a porta de entrada à contemplação transformadora da santidade divina.

Em busca dos sentidos do sofrimento presentes no Livro de Jó, interpretações teológicas enraizadas caem por terra e se manifesto um Deus disposto a aceitar os questionamentos humanos e a se revelar a quem O busca. A importância desta temática se relaciona a um fazer teológico centrado em uma ação libertadora, no sentido bíblico, ou seja, libertação da natureza humana, conseqüentemente, do mal e da morte, que entram no mundo a partir do episódio da queda em Gênesis. Neste aspecto, Jó abre espaço para uma visão teológica que relaciona criação, queda, sofrimento e propósitos divinos.

O entendimento de Gênesis como um processo e a noção de pecado como alienação de Deus são fundamentais para compreensão de toda a Escritura e dos sentidos bíblicos do sofrimento, bem como à esperança na obra final de Deus, até que, com Ele, o ser humano também possa enfim dizer: é tudo muito bom.



## Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de Bolso).

BÍBLIA. De Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA. Nova Almeida Atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Bauru: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA. TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

BLANK, R. **Deus e sua criação – Doutrina de Deus, doutrina da criação**. São Paulo: Paulus, 2013.

BOFF, C. Só é possível uma Teologia da Libertação sob a condição de começar e acabar no horizonte da fé. Entrevistado: Frei Clodovis Boff. **Revista IHU on-line**. 11 ago. 2014. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/534115-frei-clodovis-boff-so-e-possivel-uma-teologia-da-libertacao-sob-a-condicao-de-comecar-e-acabar-no-horizonte-da-fe>. Acesso em: 25 out. 2022.

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica Salvifici Doloris**. São Paulo: Paulinas, 2020.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. São Paulo: Vida, 2020.

MESTERS C. **Uma introdução ao Livro de Jó: o drama de nós todos in Deus onde estás?** Petrópolis: Vozes, 2021.

ROSSI, L. A. S. **Eu sou dor: Teologia da Solidariedade em Jó in Sofrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021.

SCOTT, J. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Vida, 2020.

SONTAG, S. Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas. São Paulo: Cia. de Bolso, 2007.

STORNIOLO, I. Como ler o Livro de Jó – O desafio da verdadeira religião. São Paulo: Paulus, 2018.

WALTON J. O mundo perdido de Adão e Eva — o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis. Viçosa: Ultimato, 2016.